

humanitas

Vol. VII–VIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. IV E V DA NOVA SÉRIE
(VOLS. VII E VIII DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA
MCMLV-VI

PRIMEIRO CONGRESSO ESPANHOL DE ESTUDOS CLÁSSICOS

O «Primer Congreso Español de Estudios Clásicos», reunido em Madrid, de 15 a 19 de Abril de 1956, constituiu um grande êxito. Os congressistas, em número superior a trezentos, viveram intensamente todos os números do programa, e as duas salas, uma das quais era a dos actos solenes, muito espaçosa, do edifício do «Consejo Superior de Investigaciones Científicas» em que decorreram as sessões, estiveram sempre cheias de uma assistência vivamente interessada nas exposições e nas discussões que, por vezes, se lhes seguiam.

Estavam representados quase todos os grandes centros culturais espanhóis, nomeadamente, dez Universidades do Estado e as duas Universidades Pontifícias, e um certo número de centros culturais estrangeiros, em especial, a «Fédération Internationale des Associations d'Études Classiques», pela sua Secretária, M.elle Juliette Ernst.

Os convidados estrangeiros presentes foram os Professores Alphonse Dain, da «École Pratique des Hautes Études», de Paris, Michel Lejeune, da Universidade de Paris, Robert Etienne, da Universidade de Bordéus, Enrica Malcovati, da Universidade de Pavia, James H. Oliver, da Universidade de Baltimore, L. R. Palmer, da Universidade de Oxford, e Américo da Costa Ramalho, da Universidade de Coimbra. Em representação de centros culturais dos seus países, estavam os Drs. Jean Malye, Walter Starkie e Mario Puelma, e os Professores J. F. Lockwood e H. Bardon.

Foram convidados, segundo informa o Programa Oficial, mas não puderam comparecer, os Professores Alföldi, Chantraine, Forni, Hawkes, Leumann, Pallotino, Pfeiffer, Picard, Schadewaldt e Snell. Lembra-nos ter visto, quase no final do Congresso, o Professor Kurt Latte.

Esta importante reunião científica, coincidindo com as celebrações do centenário do nascimento do grande investigador da cultura espanhola, que foi D. Marcelino Menéndez Pelayo (1856-1912), ficou de certo modo sob a tutela espiritual deste excelso patrono das Humanidades, em Espanha. Não admira, pois, que, na sessão inaugural, em seguida aos discursos de abertura do Prof. Antonio Tovar, presidente do Congresso, e da Doutora J. Ernst, Secretária da Federação Internacional das Associações de Estudos Clássicos, a primeira conferência, pronunciada pelo Prof. José S. Lasso de la Vega, tenha sido dedicada a D. Marcelino Menéndez Pelayo.

O Prof. Lasso de la Vega expôs, com brilho e segurança de informação, um panorama da cultura espanhola no tempo do grande investigador. Situou com justeza a posição de M. Pelayo, a igual distância «del tópico de un Menéndez Pelayo modelo punto menos que insuperable de filólogo clásico y del tópico de un Menéndez Pelayo que, en el panorama de la filología clásica española, apenas signifique otra cosa que el recolector erudito de unas cuantas traducciones justamente olvidadas, el traductor no muy brillante de media docena de obras, medianamente versado en la lengua latina y menos que medianamente en la griega, figura, en fin, de un ideal de humanista perfectamente transnochado []».

Mostrou como M. Pelayo considerava imprescindível uma compreensão ampla da Antiguidade, e não a simples formação linguística, e como o mesmo que declarava «en arte soy pagano hasta los huesos», conciliava o seu amor à Antiguidade con! o mais exigente Catolicismo, fundindo ambos na admiração pelo Renascimento espanhol, «fundamentalmente cristiano».

Para Menéndez Pelayo, segundo as suas próprias palavras — como acentuou o conferente — «el Cristianismo no vino a destruir nada de lo bueno que había en la civilización antigua, sino a restaurarlo todo en Cristo [...] y llamó a los gentiles a la herencia de los judíos. Y los gentiles acudieron porque habían recibido de sus filósofos y poetas la preparación evangélica» (1).

De tarde, nos jardins da «Facultad de Filosofía y Letras», foi representado o *Re i Édipo* de Sófocles, pelo «Teatro Español Universitario», da mesma Faculdade. O espectáculo, como já tivemos ocasião de

(1) O discurso do Prof. J. Sánchez Lasso de la Vega foi publicado em *Estudios Clásicos*, fase. 18 (1956), pp. 325-358.

escrever (1), foi um completo êxito. A tradução, natural e fiel, foi escrita pelo Prof. Francisco Rodríguez Adrados (2). Serviu de consultor arqueológico o Doutor Antonio Blanco Freijeiro, e a direcção do espectáculo pertenceu a J. María Saussol. A música dos coros, muito sugestiva, compô-la o Maestro Joaquín Rodrigo. Os artistas e bailarinos houveram-se com acerto e compenetração raros.

* * *

O primeiro dia de trabalhos foi a segunda-feira, 16 de Abril, com uma sessão inicial, às 9 horas, dedicada a questões resultantes da decifração do Mínóico Linear B. Falou primeiro o Prof. Martín Sánchez-Ruipérez sobre *Problemas suscitados por el desciframiento del micénico*. Começou por historiar os antecedentes e as circunstâncias da decifração do Mínóico Linear (3). Referindo-se às características fonéticas e morfológicas do grego das placas decifradas, salientou uma certa heterogeneidade no dialecto, resultado de uma possível existência de grupos jónios entre a população de aqueus.

Mostrou como a escritura micénica era um instrumento comercial e administrativo, geralmente conhecido, e não segredo de uma classe. Depois do colapso de 1200 a. C., devido ao que parece ter sido uma rebelião de vassallos, há uma época iletrada até a introdução do alfabeto fenício. Ocupou-se, seguidamente, das relações entre as placas micénicas e a épica de Homero, opinando que o dialecto das placas não parece idêntico à língua micénica que serve de fundo à linguagem literária. Também foi de opinião que, apesar do conhecimento da escrita, a poesia homérica deve continuar a ser considerada como poesia oral.

Usou então da palavra o Prof. Michel Lejeune, da Sorbonne, que tratou igualmente de filologia micénica. Comentando, a título de exemplo, alguns termos e algumas fórmulas das placas de argila, mostrou que se não trata de aperfeiçoar métodos novos, mas de aplicar métodos, há muito conhecidos e experimentados, a dados novos, cuja principal dificuldade reside numa escrita imperfeita e frequentemente ambígua. Retomando os mesmos exemplos, acentuou que o estado dialectal sob

(1) No artigo *Actualidade do teatro grego antigo*, in *Studium Generale*, ni (1956), na p. 237.

(2) Publicada em separata de *Estudios Clásicos*, fase. 19 e segs., 1956.

(3) Ver a notícia sobre Michael Ventris, pp. 267-268 deste volume.

o qual conhecemos de agora em diante o grego do segundo milénio é, apesar dos seus arcaísmos, muito menos diferente do grego clássico, do que se poderia ter imaginado.

Falaram ainda sobre o mesmo tema o Prof. L. R. Palmer que tratou de *Military dispositions for the defence of Pylos* e D. Isidoro Millán de *Tabletas micénicas de contenido religioso*.

Depois de um intervalo, começou a segunda parte dos trabalhos marcados para a manhã, com a comunicação *La lírica griega a la luz de los descubrimientos papirológicos*, pelo Prof. Manuel Fernández-Galiano, que expôs sábiamente um panorama geral dos novos achados de textos líricos, conservados em papiros, e descobertos desde 1934. Deteve-se especialmente nos fragmentos recentes de Safo, Alceu, Anacreonte, Arquíloco, Hipónax, Píndaro, Baquírides e Corina.

O Prof. Alphonse Dain, tratando de *La lyrique des tragiques à la lumière des découvertes papyrologiques*, deu relevo à importância do «período rítmico», exemplificando com textos, sobretudo, de Sófocles. Estava marcada para a manhã ainda a comunicação do Prof. Francisco Rodríguez Adrados sobre *La poesía de Arquíloco e Hiponacte a la luz de los últimos descubrimientos papirológicos y epigráficos*, mas, porque a hora ia muito adiantada, teve de ser transferida para o dia seguinte. O Prof. Adrados, que vem publicando valiosos trabalhos sobre Arquíloco (1), mostrou como a influência épica e aristocrática se faz sentir ainda neste poeta e em Hipónax.

Da parte da tarde, em torno da conferência do Prof. Eugenio Hernández-Vista, *La pedagogía de las lenguas clásicas en la enseñanza media*, decorreram as discussões com um entusiasmo trasbordante de fê nos valores do classicismo greco-latino e na sua validade presente e futura, dentro do curriculum liceal. Simultaneamente funcionou outra sessão em que se discutiram problemas pedagógicos das Humanidades no ensino superior, a propósito da tese dos professores Rubio Fernández, Agud Querol e Alsina Clota, intitulada *La pedagogía de los estudios clásicos en la enseñanza universitaria*.

(1) Nomeadamente, *Origen del tema de la nave del estado en un papiro de Arquíloco* in *Aegyptus*, xxxv (1955), pp. 206-210; *Nouveaux fragments et interprétations d'Archiloque* in *Revue de Philologie, de Littérature et d'Histoire Anciennes*, xxx (1956), pp. 28-36; *Nueva reconstrucción de los Epodos de Arquíloco'm Emerita*, xxiii (1955), pp. 1-78. Sobre o elegíaco Teógnis, cf. a sua *Introducción a Teognis* in *Estudios Clásicos*, m (1955-56), pp. 169-191 e 261-286.

Na terça-feira, 17 de Abril, pela manhã, tiveram a palavra arqueólogos e filósofos, em duas sessões simultâneas. Foi de particular interesse a tese do Prof. Miguel Tarradell, *Problemas históricos y arqueológicos del siglo III d. C.*, que constituiu uma poderosa síntese da situação da Península Ibérica, ante as invasões germânicas. À roda desta tese, houve diversas comunicações.

De tarde, foram lidos e discutidos vários trabalhos sobre problemas pedagógicos, nomeadamente, problemas editoriais. Falando do *Proyecto de un Corpus Poetarum Latinorum Hispanorum*, o Rev. D. José López de Toro referiu-se ao *Corpus Poetarum Lusitanorum* do P. António Pereira dos Reis, sem dúvida incompleto e antiquado, mas ainda assim um monumento bibliográfico sem igual em Espanha. O congressista propôs que se preenchesse esta lacuna da bibliografia espanhola.

Na quarta-feira, dia 18 de Abril, pela manhã, depois da tese do Rev. P. Eleuterio Elorduy, S. I., sobre *Helenismo y Cristianismo*, e de mais duas comunicações afins, tratou de *Marcial* o Prof. José Manuel Pabón. A esta «ponencia» seguiram-se duas comunicações sobre o mesmo tema.

Da parte da tarde, houve a leitura de trabalhos sobre Filologia Grega, entre eles o do Prof. J. Sánchez Lasso de la Vega que se ocupou do *Genitivo partitivo sujeto en griego*. Segundo o conferente, esta construção está documentada em várias línguas indo-europeias e, com bastante profusão, no grego bíblico. Quis descobri-la igualmente no grego clássico o linguista sueco Ernst Nachmann, num estudo publicado em 1942, cujas conclusões foram logo geralmente aceites, e admitidas até nos manuais de sintaxe grega de Schwyzer-Debrunner e de Chantraine.

O Prof. Sánchez Lasso de la Vega fez um exame minucioso de todos os casos aduzidos por Nachmann, e de outros mais, e demonstrou que nenhum deles pode considerar-se probatório. Finalmente, provou que tal construção, abundante no grego bíblico, e típica, por outro lado, das línguas semíticas, é um semitismo em grego. Deste modo, reabilitou a antiga interpretação de Blass e de outros filólogos.

O Rev. P. Ignacio Errandonea, S. I. (B. Litt., Oxon.), falou de *El problema de las «Traquinias»*, expondo a contradição entre o carácter de Dejanira neste drama e o conhecido da tradição mitológica de todos os tempos, incluindo os testemunhos dos autores cómicos e os exemplos dos filósofos. Se a Dejanira da tradição contemporânea de Sófocles,

e da posterior a ela, é a esposa ciumenta, despeitada, e cruelmente vingativa, — e o Prof. Errandonea provou bem este ponto, com nova documentação —, como deve entender-se a figura ideal da mulher de Hércules, nas *Traquíñas*? Os comentadores modernos têm acentuado os aspectos atraentes do carácter desta Dejanira, mas seria essa a intenção dramática de Sófocles? Eis a questão posta pelo P. Errandonea, e que importa estudar a nova luz.

No final desta sessão, o Prof. Fernández-Galiano dissertou com finura sobre *Interpretación de Diogenes Laerzio V 37*.

Simultaneamente, decorria outra sessão que foi dividida em duas partes: a primeira, sobre Epigrafia e Numismática, em que mereceu referência especial a comunicação do Prof. Robert Etienne intitulada *La formule «deuotus numini maiestatique...» et le déclin du culte impérial en Espagne*; a segunda parte, com três comunicações sobre Humanismo e Cultura, a saber, do Prof. Américo da Costa Ramalho sobre *Menéndez Pelayo e André Falcão de Resende* (1), de D. José Serrano Caldero, *Las obras del humanista Vicente Mariner Barrigó. Sus manuscritos existentes en la Biblioteca Nacional de Madrid*, e a do Prof. David Gonsalo Maeso, com o título de *El hebreo, lengua clásica*.

O último dia do Congresso, quinta-feira, 19 de Abril, foi dedicado, na primeira parte da manhã, a comunicações livres sobre História, Arqueologia, Sociologia, etc., avultando entre todas, pelo seu interesse e pela autoridade do expositor, o trabalho do Prof. Antonio García y Bellido sobre *Cultos orientales en Hispania*, em que foi utilizado material arqueológico peninsular, algum dele encontrado em Portugal.

Na sessão simultânea a esta, em que foram discutidos problemas linguísticos, tiveram a palavra, entre outros, os estruturalistas.

O Latim Medieval veio depois. Das onze e meia em diante, foram lidos vários trabalhos, em sequência da tese do Prof. Manuel C. Díaz y Díaz, subordinada ao tema *El latín medieval español*. O Prof. Díaz y Díaz pôs em relevo a importância da Idade Média e do latim medieval na formação da cultura do Ocidente. Insistiu na urgência de boas edições dos textos medievais, mormente dos da Península Ibérica, e reconheceu que a «Filologia Mediolatina», nome deste ramo do saber na Alemanha, tem ao seu dispor, como textos, documentos de carácter notarial e similares, em maior número do que os propriamente lite-

(1) Artigo publicado no presente volume de *Humanitas*, pp. 141-147.

rários. Dos primeiros, citou entre outros os *Portugaliae Monumenta Historica*, e dos segundos enumerou alguma coisa do que já se fez em Espanha, e do muito mais que resta fazer.

Salientou que os estudos sobre língua estão ainda no começo, pois a respeito dos autores da época visigótica, por exemplo, quase nada mais existe, que o seu estudo sobre o latim de São Valério. Põe em relevo este aspecto da investigação a que importa chamar os alunos, se queremos «dar, por meio da Filologia Latina Medieval, uma visão unitária da Idade Média, partindo dos ricos filões duma época, hoje mais do que nunca, presente aos nossos espíritos».

A sessão de encerramento teve lugar à tarde, sob a presidência do Ministro da Educação Nacional de Espanha, figurando na mesa, além das autoridades espanholas e dos Presidente e Secretário do Congresso, Professores Antonio Tovar e Francisco Rodríguez Adrados, o Subdirector Geral da U. N. E. S. C. O., M. Jean Thomas, e a Doutora Juliette Ernst. Falaram os Professores Adrados e Tovar, M. Thomas, e o Ministro da Educação Nacional que encerrou o Congresso.

O Prof. Rodríguez Adrados regozijou-se com o entusiasmo em que decorreu o Congresso, apontando os sinais visíveis do renascimento das Humanidades em Espanha, nomeadamente, o nível mais elevado das teses de doutoramento, a publicação de quatro revistas de Filologia Clássica (*Emerita*, *Estudios Clásicos*, *Helmantica* e *Humanidades*), as colecções de autores gregos e latinos, a criação da «Sociedad Española de Estudios Clásicos», a de cursos de aperfeiçoamento clássico para sacerdotes (por ex., na Univ. Pontifícia de Salamanca), e a do *Perficit* (1).

Descreveu, depois, o reverso desta medalha brilhante: a falta de uma tradição clássica em Espanha (2), a persistência do espírito rotineiro, a incompreensão do público e a sua ignorância da actividade

(1) Sobre o *Perficit*, ler o que diz M. H. Rocha Pereira in *Humanitas*, Nova Série, π-m, pp. 198-199.

(2) O mesmo se verificou em Portugal. No artigo *Grego e Latim em Portugal*, que publicámos em *Letras e Artes*, suplemento literário do jornal *Novidades* (26/3/950), tivemos ocasião de escrever, logo de entrada: «Pode sem exagero dizer-se que a tradição da Cultura Clássica em Portugal é mais um mito que uma realidade. O Grego, no final do século xvi, entrava em franca decadência entre nós, e o Latim, que ia vivendo, em grande parte graças à Igreja de que é a língua oficial, era estudado sem gosto e sem brilho. Para falarmos apenas dos meados do séc. xviii — lá fora uma época brilhante de erudição clássica —, basta ler o que se encontra nos códices manuscritos 1338 e 1343 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (...)».

dos classicistas espanhóis. Analisou, em sequência destas considerações, a posição dos estudos clássicos no ensino secundário e no ensino superior do seu país, e referiu diversas incongruências dos planos de ensino vigentes, propondo medidas para remediá-las (1).

O Prof. Antonio Tovar apreciou a actividade espanhola no domínio da Filologia Clássica, a propósito da publicação, durante o Congresso, da *Bibliografía de los estudios clásicos en España (1939-1955)*, um impressionante volume de mais de quatrocentas páginas compactas. Traçou uma panorâmica das matérias versadas no Congresso e insistiu na importância do classicismo greco-latino na vida cultural dos povos, mormente na época actual.

Terminou, agradecendo o apoio das entidades oficiais, a presença dos delegados estrangeiros, cujos países nomeou, e exortou as novas gerações a darem o seu entusiasmo e o seu esforço à novel *Sociedad Española de Estudios Clásicos*, antecipando o dia em que um outro Congresso se realizará, com brilho ainda maior.

* * *

A actividade intensa e os dias sobrecarregados de trabalho que foram os do Congresso, tiveram a amenizá-los as recepções oferecidas aos congressistas, ao fim de cada tarde, respectivamente pela «Facultad de Filosofía y Letras», pela «Diputación Provincial», pelo «Ayuntamiento» e pela «Fundación Pastor de Estudios Clásicos». Estes convívios e o jantar que terminou o Congresso decorreram em ambiente de franca confraternização. Dois congressistas estrangeiros agradeceram a cordialidade madrilenha e a hospitalidade dos colegas espanhóis: o delegado conimbricense, no Ayuntamiento, e a Prof. Enrica Malcovati, no jantar de despedida.

Realizaram-se visitas de estudo à Secção Greco-Romana do Museu do Prado, onde o conservador Doutor Antonio Blanco guiou os visitantes, ao Museu Arqueológico Nacional e, na sexta-feira, 20 de Abril, terminado o Congresso, aos monumentos romanos de Segóvia.

A. C. R.

(1) Os discursos dos Professores Rodríguez Adrados e Tovar encontram-se publicados em *Helmantica*, vu (1956), pp. 292-303 e 303-311, respectivamente.